

OVINOCULTURA

Fios de lã que valem ouro

■ DOUGLAS CECONELLO

economia@jornaldocomercio.com.br

Uma simples tentativa de aproveitar os pelegos das ovelhas abatidas acabou se tornando um negócio próspero e rentável para a Fazenda Caixa D'Água, com sede em Dilermando de Aguiar, município próximo a Santa Maria. Hoje são produzidos cerca de 600 quilos de fios de lã totalmente natural a cada ano, e o segmento já é responsável por 30% do faturamento da propriedade.

Como alternativa para diversificar os negócios, a fazenda de 700 hectares, que utilizava sua criação ovina apenas para consumo, decidiu adquirir animais de pelego preto. O baixo preço das peças cruas, no entanto, fez com que um volume significativo ficasse guardado. O estalo que indicou a possibilidade de investir em um novo

negócio aconteceu quando mantas de montaria produzidas na fazenda receberam o prêmio de artesanato na Expointer duas vezes seguidas. "Viemos apenas mostrar nosso material, sem qualquer pretensão, e acabamos vencendo o concurso. Quando ganhamos pela segunda vez, percebemos que o produto gerava interesse", afirma Marco Righi, proprietário da fazenda.

Em 2005, o rebanho era de apenas 50 animais. Agora, depois da revolução embalada pelos fios de lã, são cerca de 800 ovelhas Merino Australiano, Crioula e Texel. Dividida entre os segmentos de montaria e moda, a operação cresceu tanto que incentivou a abertura de uma empresa dentro da própria fazenda, destinada apenas ao trato da lã, que atualmente envolve sete pessoas.

O grande diferencial das mantas de montaria da Fazenda Caixa



Mantas artesanais premiadas mostraram potencial de novo negócio para Righi

D'Água em comparação com a maioria dos produtos presentes no mercado é a maior espessura, as múltiplas costuras e a qualidade do fio, que resultam maior durabilidade. O preço elevado, com média de R\$ 300,00, em

comparação a R\$ 30,00 das mais acessíveis, parece não assustar os consumidores. Por ano, são produzidas na fazenda cerca de 400 mantas, e hoje a fila de espera é de 200 unidades. Com presença na internet, a empresa é procura-

da por clientes de todo o País, com destaque para a região Sul.

A rentabilidade da atividade relacionada à lã aos poucos foi crescendo e hoje já é responsável por 30% dos negócios da fazenda, que também trabalha com criação bovina e lavouras de arroz e soja. "Se abatemos um borrego, podemos faturar até R\$ 220,00 com a carne. Cuidando bem da lã, chegamos quase a este mesmo valor", aponta Righi. Cada ovelha da propriedade produz até 5 quilos de lã limpa por ano.

Para esta edição da Expointer, onde a fazenda presença há cinco anos, foram trazidos 170 quilos de lã. "Se vendermos a metade disso, já terá sido uma boa feira. Mas, além da venda, também é muito importante estarmos aqui para iniciarmos contatos que depois se podem se transformar em negócios", prevê Righi.

Inovação no ponto certo

Um dos grandes diferenciais no processo de acabamento da lã para a venda é o tingimento natural. Para dar cores aos fios, são usadas plantas da própria fazenda, como marcela, carqueja e folhas de eucalipto. Para o proprietário, a conscientização das pessoas em busca de produtos naturais é um dos grandes motores do negócio, já que a lã é composta de matéria totalmente biodegradável, que não agride o ambiente. Mesmo que o produto necessite de cuidados maiores para que tenha boa durabilidade, há um

público consumidor crescente que é atraído pelo viés da ecologia e da sustentabilidade. "Não dá para fazer apenas mais do mesmo. Nós encontramos um mercado de nicho. As pessoas estão dispostas a adquirir produtos orgânicos. Hoje, geralmente não se vende mais lã, apenas produtos sintéticos. Não é lã, é petróleo", avalia Righi.

Assim, há demanda expressiva mesmo que os preços cobrados sejam mais elevados em comparação com a média do mercado. Enquanto um novelo de lã

sintética de 50 gramas custa R\$ 3,00, o equivalente do produto natural não sai por menos de R\$ 17,00. A fazenda trabalha com aproximadamente 70 variedades de fios, com diferentes espessuras e tonalidades. Para o futuro, a ideia é aperfeiçoar o processo de tingimento natural.

O sucesso no segmento de lã, algo não tão comum no setor da ovinocultura, está vinculado à forma profissional de encarar os negócios, separando-o da pecuária. "Um negócio não precisa subsidiar o outro, cada um tem sua própria

rentabilidade. E a empresa não coloca todos os ovos na mesma cesta, ficando menos dependente de questões como clima, decisões do governo ou oscilações do mercado de pecuária e agricultura", analisa Righi.

Recentemente, a Fazenda Caixa D'Água abriu seu primeiro mercado internacional ao exportar 170 novelos para uma distribuidora sueca. Depois da Expointer, será o momento de afiar a tesoura, pois mais 300 quilos já foram encomendados.

O Leite Gaúcho
passa por aqui.

www.sindilat.com.br

SINDILAT/RS
Sind. da Indústria de Laticínios e Produtos
Derivados do Estado do Rio Grande do Sul